

ISABEL MEYRELLES

Qual de nós os fantasmas

Isabel Meyrelles nasce em Matosinhos a 29 de abril de 1929.

É poeta, tradutora, escultora, ligada ao surrealismo português pelas suas obras e, sobretudo, pelas suas afinidades eletivas. Iniciou os estudos de Escultura no Porto, mas muito nova mudou-se, primeiro para Lisboa e depois para Paris. Por Lisboa fez amizade com alguns surrealistas dos dois grupos - “Grupo Surrealista de Lisboa” e “Os Surrealistas”, considerando-se:

“[...] surrealista, quer dizer, aprecio o surrealismo como um país libertador. É uma coisa tão grande que é um país. É uma espécie de buraco no espaço em que se passa para outro espaço e acontecem outras coisas. É isso o surrealismo – a possibilidade de fazer outra coisa, de abrir portas à imaginação. Sem peias.”

Entrevista de Susana Moreira Marques para o “Mil Folhas” do Público, 29 de Maio de 2004.

Define-se como um ser livre e que essa liberdade é a base da sua existência e que a ligação ao mistério e ao fantástico sempre a deslumbraram. O mar sempre foi o seu local de eleição e o que melhor define esse espírito de liberdade. Esse mesmo mar, foi palco de muitas tertúlias e aventuras com os amigos, como Mário Cesariny, António Paulo Tomaz e Cruzeiro Seixas.

A presente exposição com 49 obras, compreende todas as fases da artista onde se evidencia a presença da influência surrealista, refletida na sua poesia também. Inicia-se com o seu “Auto-retrato”, um dragão azul que tem um cachimbo, que tal como Isabel Meyrelles tem sempre presente o seu cachimbo. Inspira-se não só em desenhos e pinturas de vários artistas surrealistas, com especial destaque para as obras de Cruzeiro Seixas, mas também mostra a admiração pela ficção científica e a alusão ao fantástico, observada em obras como o “The Sheriff”, “Mr. Smith” e “O Príncipe”, ou a simbologia e alegoria à vida e aos sentidos, personificados nas obras como a “Ronda do medo” ou “Os adoradores do Ovo”. Encontramos ainda obras que são puras homenagens quer a amigos quer a outros artistas, como é o caso dos bustos ou de obras como a “Homenagem a Alexandre O'Neill” e a “Homage à André Breton: Le revolver à cheveux blancs”.

A “Mesa de Café” representada também por Isabel Meyrelles, onde o pé suporta a mesa, simboliza possivelmente os encontros que marcaram a história dos surrealistas nos cafés de Lisboa.

A sua obra é marcada constantemente pelo seu humor, e como refere Perfecto Cuadrado, pela sua forma de “[...] de ser e estar, uma atitude, um modo diferente de ver e viver (não só de dizer) a vida e de actuar sobre ela.”